

Quilombolas do Rio Andirá

Barreirinha AM

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



4



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**





Participantes da Oficina de mapas

COMUNIDADE DE SANTA TEREZA DO MATUPIRI: Manoel Pereira de Castro Filho, Benedito Mário Castro da Silva, Franciedson Andrade de Souza , Tarcia Raquel dos Santos Castro, Leticia da Silva Alves, Keure de Castro da Silva, Andrénilson de Freitas Trindade, Elinei Belém de Carvalho, Azemir Freitas Trindade, Gilvandro Trindade da Silva, Sidnei Trindade de Castro, Solange Belém da Silva, Heraldo Cabral dos Santos, Thiago dos Santos Castro, Paulo Gilberto de Castro Conceição, Maria Amélia dos Santos Castro, Abedolino Pinto Ribeiro, Mileide Costa da Silva, Antonio Belém da Silva, Roberto Belém de Souza, Abel da Silva Barbosa, Ronilson José de Freitas Brandão, Francivete de Castro Brandão, Francivaldo Rodrigues de Andrade, Sebastião Douglas dos Santos Castro, Joelson de Castro Tavares, Benedito Pereira de Castro, Rosa Lolita Cabral Trindade, Lindolfo Dias da Silva, Zacarias de Souza Cruz Filho, Cleuter Cabral Trindade, Francimarlem de Castro Brandão, Tarcila Maria dos Santos Castro, Maria Deuzarina da Silva de Oliveira, Jucivan Trindade da Silva, Patrícia da Silva Andrade, Manoel Pereira de Castro, Armando Belém da Silva, Benedita Ribeiro de Castro, Jobson de Castro Tavares, Clóvis Martins Cabral.

COMUNIDADE BOA FÉ: Ozarias dos Santos Rodrigues, Zidoval de Castro Rodrigues, Mizael de Castro Rodrigues, Francisco Sérgio dos Santos, Elivaldo Pinheiro da Silva.

COMUNIDADE ITUQUARA: Elivelto de Souza Silva, Lourdes Rufino de Paula, Gabriel Fernandes de Paula, João Rufino de Paula, Donato de Paula da Silva, Maria do Bom Socorro Souza de Paula, Carlos Luiz Silva de Paula.

COMUNIDADE TRINDADE: Nicanor de Castro Freitas, Esmeraldina Vieira Tavares, José Castro dos Santos, Herberto dos Santos Tavares.

COMUNIDADE SÃO PEDRO: Gizele Oliveira Santos, Ruy de Souza Santos, Jorge Luiz Santarém da Silva, Jaildo Marinho de Souza, Antonio Freitas Trindade.

COMUNIDADE IGARAPÉ AÇU: Luiz Maria Dias Conceição

© UEA-Edições – Manaus, 2014

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida
UEA/PPGAS-UFAM

EQUIPE DE PESQUISA

Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro
PPGAS-UFAM (coordenação da pesquisa)
Emmanuel de Almeida Farias Júnior
UEA/PPGAS-UFAM (coordenação da pesquisa)
Carolina Silva PNCSA/UEA-PPGSCA/UFAM
Cloves Farias Pereira PPGAS-UFAM
Sebastião Douglas dos Santos Castro
(quilombola da Comunidade de Santa Tereza do Matupiri – professor de geografia na comunidade)

EDIÇÃO

Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro
Emmanuel de Almeida Farias Júnior

CARTOGRAFIA

Carolina Silva PNCSA/UEA-PPGSCA/UFAM

TRATAMENTO DE LEGENDAS

Carolina Silva PNCSA/UEA-PPGSCA/UFAM
Helen Catalina Ubinger

FOTOGRAFIAS

Emmanuel de Almeida Farias Júnior UEA/PPGAS-UFAM
Carolina Silva PNCSA/UEA-PPGSCA/UFAM

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

DESIGN CASA 8

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: quilombolas do rio Andirá: Santa Tereza do Matupiri, São Pedro, Trindade, Boa Fé e Ituquara/Barreirinha, Amazonas, 4/coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida; equipe de pesquisa, Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro ... [et al.]. – Manaus: UEA, 2014.

12 p.: il. color.; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-276-6 (Projeto Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial; 4)

1. Conflitos sociais. 2. Quilombolas – Barreirinha (AM). 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Ranciaro, Maria Magela Mafra de Andrade.

CDU 528.9:316.48(811.3)



NEGRITUDE

Olha s : as guas e a floresta do Andir deram vida e sabedoria aos seus habitantes primordiais, os nossos ndios. Depois chegou o homem branco, filho do mar, na grande aventura lusitana. Afinal, o rio da nossa inf ncia aconchegou a força da negritude, que vinha de longe, lanhada pela escravid o.

Pois olha s : unidas num sangue novo, etnias diferentes dissolveram diverg ncias e fundaram a cultura e a pr pria alma do povo de Barreirinha.

Thiago de Mello

Genealogia e preservação da Floresta

“Meu nome é Benedito Pereira de Castro. Tenho 80 anos, conforme está no meu Registro de nascimento, mas, sou mesmo de 1922, hoje, com 91. Meu pai, Pedro Rodrigues da Costa, que ficou conhecido como Pedro Marinho, porque esse sobrenome foi dado pelo seu padrinho Geco Marinho. Papai contava que meu avô, veio de Angola, da África, como escravo dos portugueses. Então, esse meu avô, por parte de pai, era Benedito Rodrigues da Costa que veio nos navios africanos pra servir os portugueses. Ele tinha três irmãos, uma irmã, a tia Maria e mais dois irmãos: o tio Francisco e tio João, tendo estes três partido para lugares ignorados, ninguém sabe pra onde. Nessa época iam pro Pará e outros lugares; não sabemos pra onde eles foram. Papai contava que os irmãos do vovô eles não se acostumaram com o clima porque era muito quente. Essa fase já era a época da Abolição, estava acabando a força da escravidão, isso já tinha terminado. Então, sendo o primeiro negro a chegar e permanecer na comunidade do Matupiri, no Rio Andirá, vovô parou numa casa de festa e ali conheceu uma mulher indígena, viúva, e seu nome era Gerônima, filha da indígena Júlia Sateré. Benedito prometeu a ela que se um dia fosse liberto da escravidão, voltaria para casar com ela. Cumpriu a promessa, voltando tempos depois. Dessa união com Gerônima, com o mesmo sobrenome Rodrigues da Costa, vieram cinco filhos: Manoel, Silvério, Pedro (meu pai), Cristina e Francisco. Benedito também foi pai de Maria Tereza Albina de Castro, uma filha, fruto de uma união fora do casamento com Maria Albina. Mais tarde, eles foram se casando e a família foi ficando assim dividida: Manoel casou-se com a Esmelindra, filha de um judeu que morava na comunidade de Freguesia do Andirá, com esta judia ele teve 7 filhos; Silvério e sua esposa Ter-tulina tiveram 9 filhos; Pedro teve 11 filhos, 10 com sua esposa Mariana, e mais a Corina, minha irmã, que era uma filha fora do casamento do meu pai; Cristina com esposo Gemiano foi mãe de 7 filhos; Maria Tereza e seu esposo Domingos Feitas tiveram 8 filhos; e Francisco não foi casado, morreu solteiro. São ao todos 44 netos de Benedito Rodrigues da Costa, e estes já somam um número muito grande de bisnetos, e até ta-taranetos. A minha memória já perdeu as contas, é muita gente! É assim, meu avô morou primeiro no São Gerônimo, é uma cabeceira que fica na Boca do Romão. Daí ele se mudou pra um lugar chamado de Pernambuco e depois foi pra um local de nome Cedro, nessa mesma cabeceira, em frente à ilha do Maranhoto. Lá tinha a Festa do Gambá. Pra fazer essa festa, era colocado numa mesa comprida e



Benedito Pereira de Castro



Campina, lugar de extração de seringas

nho pra falar sobre isso. O meu trabalho, sim, trabalhei na seringa, aí nessa mata, seringa do mato. Naquele tempo a gente cortava essas seringueiras que dava no mato. Nós tirava (seringa) aqui; o nome do lugar era Campina. Isso dava problema de vista e cansaço. Não enxergo direito, minha gente. Ah! No verão, eu tirava o breu e fazia aquele cernambi pra vender. Dava um dinheirinho. O patrão mandava a gente tirar e compravam. Mas era só um trocado; trocava com açúcar, cafezinho. Dinheiro, não se conhecia! Era o trabalho por um produto, era assim! Hoje tenho 71 anos, naquela época eu tinha 20 anos, tinha 20 anos já. Ajudava a cortar seringa com o velho “Ferro” (Benedito Pereira de Castro). No verão era bom pra seringa, eu tirava dumas trinta árvores mais ou menos. O leite não arria de qualquer jeito, não; depois do sol subir não sai mais o leite, ele para de escorrer. Eu saía duas ou quatro horas pra cortar seringa, quando era às seis horas da manhã o cara já ia colhendo. Depois disso veio o tipiti. Aí, eu aprendi a fazer tipiti, aí melhorou, já deixava de estar lá pelo mato. Por aqui tinha um bocado de mata boa, de roça! Fazíamos aqui no lugar chamado São Pedro, bem ali defronte naquela ponta. Agora, tá acabando a seringa da mata, já acabou né? Que acabou com elas foi o fogo! A queimada era feito pra fazer campo. Tinha uma floresta grande aqui, que pegou fogo daqui que quase emendava com a outra grande floresta. O fogo que pegava na mata ardia à noite toda.”

MANOEL PEREIRA CASTRO, 71 ANOS – COMUNIDADE DE MATUPIRI

“Nasci no Matupiri, depois minha mãe morreu e meu pai me deu para o meu padrinho. Me criei em Parintins! Cheguei pra cá com 15 anos. Papai já estava no final da vida dele. Depois, trabalhei como comandante de barco. Trabalhei também lavando juta. Fui cortar e carregar pau-rosa. Depois fui pro Rio Andirá, trabalhei tirando cipó. Trabalhei em roça, fazendo farinha. Não saí mais daqui. Meu trabalho maior foi em roça. Depois fazia pa-neiro; tipiti, não! Matava caça pelo mato, agora, não dá mais pra caçar. Naquele tempo era muita fartura. Sem mentira nenhuma, era peixe que não acabava mais! Fazia aquela barulhada na água (blum, blum, blum). Meu pai se chamava Pedro Marinho da Costa, minha mãe, Mariana Trindade de Castro. Nosso nome foi tirado todo errado; de mãe e de pai. Meu nome saiu com o sobrenome do meu padrinho Xisto. Os padrinhos é que escolhiam, mudavam (...) Comecei a trabalhar com 15 anos. Juta! É pesado esse trabalho: tira toda ela e bate, logo solta aquela camada, e pindura no varal. Agora, a malva, não, é mais difícil soltar da casca. Essas plantações tinham por demais aqui no Matupiri.”

“Tenho recordações: perdi minha mãe; papai me contou que eu tinha cinco anos. Assim fui crescendo devagar. Papai era esforçado, ia pescar, fazia o roçadinho dele. Mandioca, naquele tempo, era no ralo. Hoje, não, tudo está mudado. Nunca se pescou de malhadeira! Era de caniço e a

tinha tapioca, beiju, farinha, biscoito, tarubá e tantas coisas! Então, o primeiro quilombola que aqui chegou foi meu avô, Benedito Rodrigues da Costa, ele está enterrado no Cemitério Mangá, que fica nesse lugar antigo, chamado de São Gerônimo.”

“Me criei tirando cipó no mato, tirando breu, cortando leite de seringa para sobreviver e agora não, agora eu estou em outra coisa. É o que te-



Adelino Pereira de Castro

gente ia embora e, se não desse conta, apanhava. Nasci aqui na ponta, aí onde fica a igreja de São Sebastião. Mas, papai e minha irmã trabalhavam aí no Posto, na Ponta Alegre (área indígena). Nos criamos por lá! No começo, a comunidade lá da frente era amodo bonita; vinha pessoas do Pirai, Ituquara, Maçauari. Eu era cunhatã! Tudo era animado: tinha o jaçanã, o gambá. Hoje, sou parteira. Faço meus remedinhos que Deus me ensinou no meu sonho. “Puxo” sempre um filho que está lá por dentro da barriga. Isso, Deus também me ensinou no meu sonho. Tudo é no sonho! Nunca fui na porta de hospital, nunca! Sou parteira e benzedeira; nunca aprendi isso! Eu sonhava que pedia para o Anjo da Guarda e ele vinha me ensinar a fazer remédio e a “puxar” menino. Eu não sei ler... É, foi Deus que me ensinou. Agora mesmo, uma mulher me chamou e eu partejei essa mulher que ia ter duas crianças. Primeiro nasceu a menina, depois veio o menino que nasceu de “pés”. Então, quando me procuram ainda faço parto, dizem: ‘Vai lá com a tia Ditoca que ela vai fazer o teu parto.’ Aí eu faço!”

“Quando eu saí de casa tinha quinze anos, papai não tinha condições de nos criar. Fui trabalhar, sobreviver. Fui trabalhar com uma família, mais de dez anos. Vivi com uma senhora, minha madrinha, Dona Paquita. Educação, ela me deu um pouco. Trabalhei lavando juta pra eles, ou ia lá pro centro tirar pau-rosa. Trabalhava em companhia de dez, doze homens. Trabalhava e morava com essa família de espanhol que chegou por aqui no Andirá. Depois voltei pra casa e me animei pra casar. Fiquei trabalhando no Matupiri com minha mãe até ela morrer. Naquele tempo plantava roça, plantava malva, uma fibra que dava muito dinheiro (...) A gente extraia em tonelada e passava pro Zé Espanhol, pai da minha madrinha; quando inteirava uma tonelada ou quinhentos quilos, entregava pra ele. A gente não pegava no dinheiro da despesa, tudo era logo empregado na troca de roupa, café, querosene (...) Mas também cortava cana e fazia mel para o patrão e ele vendia. Ele tinha uma loja, o controle era através de “borrador”. Então, a gente trabalhava e entregava tudo pro patrão (...)”



Gabriel Fernandes de Paula

“Se a gente não se defender dos lobos, pode ser devorado por eles”

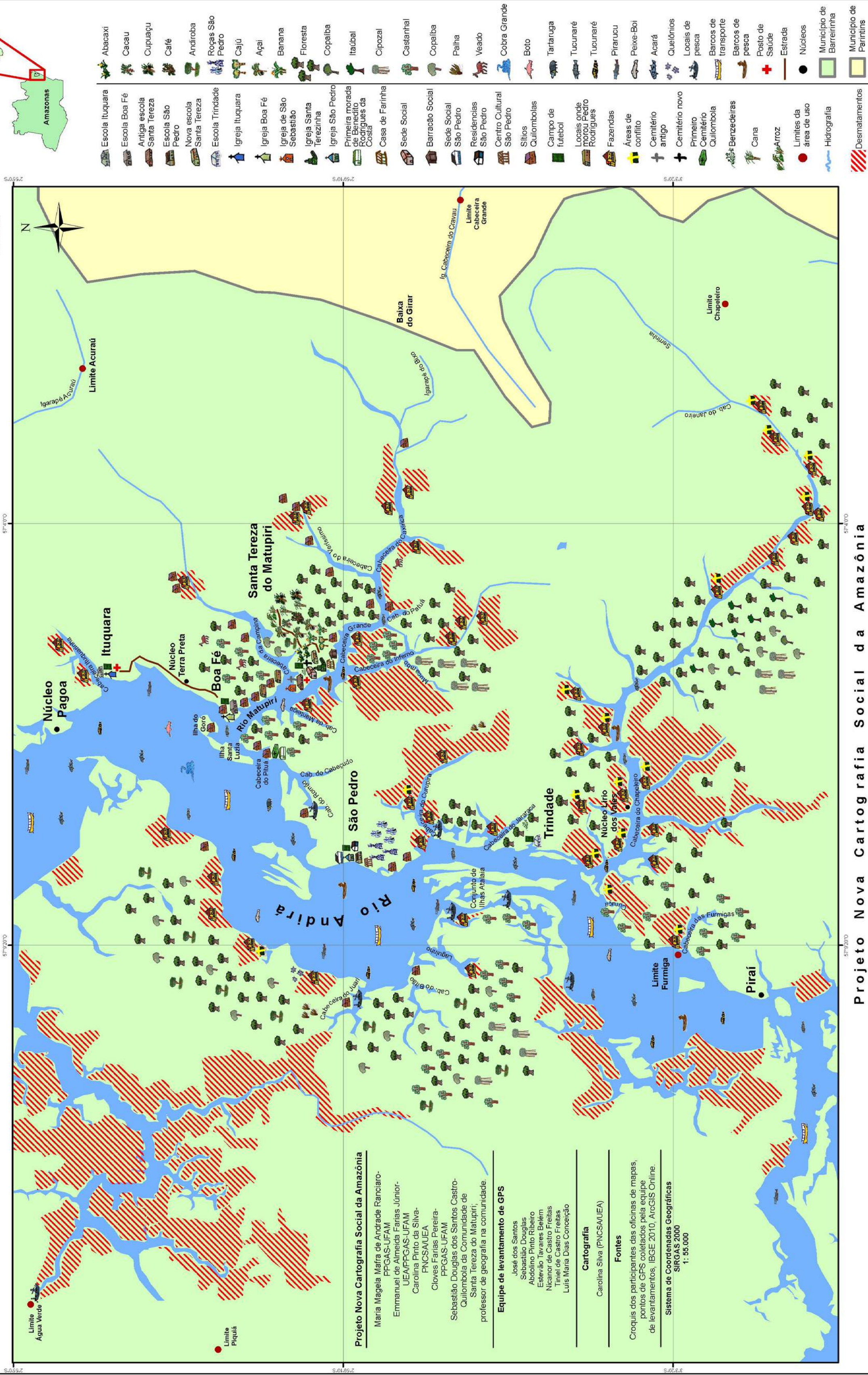
“Eu sou Gabriel, pra quem me conhece, pra quem não me conhece, eu sou o Gabriel. Eu resido aí na Comunidade de Ituquara. Já exercia a direção da comunidade há cinco anos. Estamos aqui para dizer que faço parte desse grupo, dos quilombolas (...) Estamos dentro de uma situação difícil, principalmente na saúde. Temos um Posto Médico, mas não funciona (...) A educação está precária. A professora convive com morcegos. Temos problema de água. O negócio não está fácil, não está, tá difícil. Então, a gente vive com vários problemas dentro da comunidade. Tem problema de conflito com fazendeiros. Aqui, estamos cercados. Ocuparam todas as cabeceiras. Tem um proprietário, um invasor, criando problema comigo, porque temos uma pastagem pequena que pertence à minha família (...) A sorte é que apareceu o projeto “Pé de Pincha”, isso ajudou muito. Mesmo assim, tinha outro invasor dentro da comunidade. Fui lá, uma semana depois eu estava ameaçado pelo fazendeiro. Então, como resolve? Quem vai resolver? Nós não temos como nos defender dos lobos, e se a gente não se defende, pode ser devorado por eles.”

GABRIEL FERNANDES DE PAULA, 58 ANOS – COMUNIDADE DE ITUQUARA



Benedita Ribeiro de Castro

Comunidades Quilombolas do Rio Andirá: Santa Tereza do Matupiri, Trindade, São Pedro, Boa Fé e Ituquara - Barreirinha/AM



“Nasci na boca do Jauari, em frente à comunidade São Pedro. Lá eu me criei com meus pais. Quando eu comecei a me entender era o tempo de pesca na zagaia. Esse foi o nosso sustento. Caçava paca, tatu. Peixe dava bastante também. A dificuldade era estudo. Então, tenho a dizer que papai trabalhava com sorva, maçaranduba, copaíba. Estocavam castanha. Tinha um comércio grande que comprava todo o produto (...) Quando a gente juntava tudo vinha aquele batelão pra levar tudo. Aí, fomos crescendo, passamos para o Ituquara, em 1974. Tinham os padres que davam sacola de rancho e aula de catecismo (...) Seu Francisco Carneiro insistiu até fundar uma comunidade. Como não tinha padroeiro, e tinha uma imagem de madeira de Nossa Senhora do Carmo, ela virou a padroeira e iniciamos o cário. Aí, chegou o Cristo Ressuscitado que os padres trouxeram. Esse foi o nosso padroeiro. Aí, fizeram uma casinha de barro pra igreja. Com a força do padre nós fomos se organizando.” JOÃO RUFINO DE PAULA, 55 ANOS – COMUNIDADE DE ITUQUARA



Igreja de Ituquara

Devastação, desmatamento e escravidão

“Eu sou Mizael, tenho 35 anos, sou casado tenho 7 filhos. Moro na comunidade Boa Fé. A minha Comunidade ela vai enfrentando uns problemas muito sérios (...) Ela começou desandar sobre problemas de dificuldade de terra. A gente trabalhava, e fazia as colheitas dos produtos. Agora, já tem outras denominações maiores que são os fazendeiros que vieram de fora (...) A gente usava e não pagava a posse de terra. Aí, diziam que a gente era posseiro. Vinha os maiores de fora, eles olhavam e faziam pesquisa. Legalizavam tudo, tiravam a nossa terra; titulavam tudinho. Aí, a gente foi perdendo nosso espaço (...) Nós não podemos mais entrar na mata pra tirar o breu, o cipó, tirar a madeira, fazer a nossa casa, preparar a nossa moradia. A gente não pode mais pescar, a gente chega num local e lá já topa com o caseiro do fazendeiro. Quer dizer que nós vamos ficando com um espaço curto, nós vamos ficando espremido. Olha só! Hoje o patauá, o uixí, isso daí já praticamente eles já acabaram. E eu pergunto: ‘Por que?’ Ora, por motivo da devastação que houve e a gente vai perder esse espaço todo (...) Hoje nós estamos numa luta, vendo se a gente consegue a nossa terra de volta. Nosso povo precisa, é difícil! Então, nós não temos o espaço livre, não temos não! É uma escravidão porque nós tamos livres, mas, viver é ter a nossa terra (...) Os grandes titularam as nossas terras, tiraram tudinho. Eh! nós temos esse sofrimento de falta até de farinha. Então, as áreas, elas vão atingir um percentual quase a mais da metade já do outro local vizinho que é o Jará. É nessas áreas aí que a gente não



Mizael de Castro Rodrigues

pode tirar nem o que sobrou (...) O nosso espaço é curto (...) A área é aqui dentro do Chapeleiro, são 800 hectares aí que tão no quadrante, no plano de manejo deles. É uma empresa paraense, ela tá localizada lá, tá tudo mapeado, tudo esquadrejado, tudo no pico (...) Já são áreas requeridas pelas empresas. Inclusive, o rapaz responsável ele veio falar comigo: Era o Marcelo! E, como tava acontecendo o movimento quilombola, ele veio comigo e disse: ‘Olha Mizael, eu soube que vocês

passaram a ser mandante; o que dá a diretriz na luta pela área quilombola. Então, eu vim fazer você saber que nós temos uma área requerida dentro da área de vocês. Essa aí é do nosso manejo e nós compramos essas áreas’. Ele pegou e mostrou o livro: ‘Ta aqui, ta aqui, seu “fulano dos anzóis” que nos vendeu a área por 100.000,00 (cem mil reais).’ Então, é uma área de 800 hectares, que, segundo ele (Marcelo), compraram lá no Janero. A área entra pra dentro da Terra Preta, à esquerda, aí, atravessa a “mãe do rio”, e vai até a área da “Terra Caída”, final do Chapeleiro. Aí, ele disse: ‘Olha eu venho aí com você pra gente ir lá, pra você ver, quero que você olhe.’” MIZAELO DE CASTRO RODRIGUES, 35 ANOS – COMUNIDADE DE BOA FÉ

Tirando o sustento da mata

“(um aparte) Até o povo daqui da comunidade de Matupiri precisa tirar o sustento dessa mata. E hoje a gente já não pode tirar nem o cipó, não pode tirar um ambé porque eles vêm proibir (...) Não são remanescentes de quilombo. Quando eles entraram aí as famílias quilombolas já existiam nessa área, só que nesse tempo a gente não sabia o valor que nós, os quilombola, tinham (...) Embora falem que eu sou exigente, sou mesmo, sou contra os fazendeiros! (...) Eu tenho coragem, eu sou filha de Benedito Pereira de Castro (...) Aliás, a Cabeceira da Campina foi uma área sempre protegida pelo meu pai, ele nunca consentiu ninguém fazer isso. Por que? Porque ele já sabia que mais tarde, como meu avô dizia: ‘Você pode trocar um pedaço de terra por um punhado de farinha, e, no final, você não terá o direito de botar a farinha na tua mesa.’ Olha, a ilha da Boca do Matupiri foi vendida por quatrocentos reais. O que é quatrocentos reais? Acaba num segundo! Amanhã ou mais tarde você vai descobrir que não tem mais a terra e nenhum centavo no bolso...” MARIA AMÉLIA – PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO



Maria Amélia

“Essas áreas nós desenhamos no “Mapa Social”, aqui na Oficina (...) Hoje, nós estamos aqui, quer dizer, oprimidos numa área que tem grande extensão de terra (...) Mas como eu já disse ninguém pode derrubar nenhuma madeira que esse Marcelo já me disse: ‘Olha, Mizael, as madeira tão tudo plaquiado com o nome da firma.’ E eu digo que se perdemos esse espaço, nós perdemos toda essa nossa liberdade; liberdade do nosso povo, do nosso filho. Desse pedaço onde os nossos pais cresceram e tiraram sustento pra nós, pra criar nós e, hoje, nós perdemos esse nosso espaço.” MIZAELO DE CASTRO RODRIGUES, 35 ANOS – COMUNIDADE DE BOA FÉ



Barreirinha florestal

“Saí com 16 anos do Matupiri, passei uns seis anos fora aí voltei e vivo na comunidade de São Pedro. Aí, a comunidade foi fundada em 87, começando com uma aula debaixo da mangueira. Daí a vovó me deu uma área e até hoje tô lá. Mas, há mais de quinze anos temos lutando contra os pescadores de Parintins, de Barreirinha. Eu quero apoio do Governo

Federal, pois, no nosso caso, tem até promessa de morte porque lutamos pelo nosso lago. No passado, agora 2012, nós fomos ameaçados, porque temos uma área de peixe e de quelônios, tivemos até de abrir mão porque senão ia ter morte (...) Aqui, em torno do São Pedro, nesse lado daqui, já é zona dos holandeses, eles querem a madeira. Ah! Dizem que essa empresa era paraense, não, não é, ela é suíça! (...) Eles estão aí há uns 12 anos. Essa área é grande; pega desde o Açu até ali no São João do Maçauari. O nome dessa empresa mudou para Barreirinha Florestal. Antes era Andirá-Brasil-Holanda. O Geraldo, holandês, era o dono. A área do Paricatuba eles fizeram a moradia deles. Na época, essa companhia paulista eles registraram como Andirá-Brasil-Holanda. Aí eu pergunto: 'Porque Brasil-Holanda?'. Porque ela tá dentro do Brasil, situada no Amazonas. Então, eles colocaram o Brasil na Holanda. Foi aquela coisa toda: Tira fulano daí com tudinho! Então, o nome dessa empresa mudou como já disse; mudou de Andirá-Brasil-Holanda pra Barreirinha Florestal. Disseram que eles iam dar o Título das terras. Isso não aconteceu até hoje, enfim, eu perdi minha área, eu saí de lá." ANTÔNIO FREITAS TRINDADE, 47 ANOS – COMUNIDADE DE SÃO PEDRO



Criação de mapas

próprios filhos daqui. Não foi por aí a história: a história é que desde o início da criação da cidade de Barreirinha. Vou mostrar um exemplo para vocês: da Ponta Grande até o limite de Barreirinha foi intitulada por Bias da Trindade, que foi um dos prefeitos que assinou na Comarca essas coisas; a outra parte ficou com a família Cabral. A área lá pro final da Ponta, isso aí pertencia ao empresário Antenor Melo. Isso tudo que falo é há muito tempo, entendeu? Lá, além do manejo da castanha, do cipó, a gente tinha uma criação de carneiro. Todas as ovelhas estavam "cobertas"; deram uns tiros nelas e soltaram os cachorros e, acabou! A gente fez e eu tenho um Boletim de Ocorrência, paguei um advogado pra lavrar uma Petição judicial, paguei o honorário estipulado e não tive resposta nenhuma. Quer dizer, além de eu perder meus carneiros, perdi a Petição, paguei o advogado e não tive retorno. Então, eu gostei da palavra daquele que disse: 'apelar pra quem?'. É por isso que nós estamos aqui acreditando nessa mapeação que nós estamos concluindo hoje, e, se nós não concretizarmos isso, nunca nos tornaremos um povo organizado, né? Então, para que nós também tenhamos nossos direitos respeitados é preciso que a gente se organize." RUI DE SOUZA SANTOS, 48 ANOS – COMUNIDADE DE SÃO PEDRO

"Moramos aqui no Chapeleiro. Meus pais foram para o Chapeleiro, eu era criança. Houve um conflito muito grande no Chapeleiro, isso aconteceu mesmo. Aí começou a chegar os fazendeiros. Papai brigava e se defendia. Um dia meu pai resolveu sair desse lugar. Vendeu aquilo por pouco, pra se livrar daquele conflito. Mas as lutas continuavam. Aí, ouvi falar no movimento quilombola.

"Olhando nos mapas que foram criados, essas quatro, cinco comunidades praticamente trabalham, pescam e tiram o sustento das suas famílias quase que do mesmo local; desses lagos, desses matos. Por exemplo, a nossa área que nós moramos que é o São Pedro, mas temos que fugir pro Jauari ou Laguinho. Então, tanto o povo do Matupiri quanto do Trindade, Boa Fé a pescaria deles é só quase naquele reduto. Quando acontece esses conflitos hoje, atinge o povo todo que ainda sente essa grande dificuldade. Eu vi ainda agora há pouco gente dizer que essa situação foi criada pelos

Pensei: 'Será que isso mesmo está acontecendo?'. E papai disse: 'Está sim, há uma lei que ampara.' Aí, entusiasmados, fundamos a Comunidade dos Remanescentes de Quilombo, aqui no Trindade. Aí, o povo acreditou em nós. Fizemos um barracão para as reuniões. Até que houve uma invasão de gado na minha plantação. Eles mataram duas reses nossa. Nós fomos bater na Delegacia de Polícia. O mesmo sujeito acabou com dois hectares nosso. Este é o Jander Carneiro; o outro é o Jander Conceição, aquele que invadiu a área da Cabeceira Grande. Então este Jander Carneiro, é o que se dizia dono também daquela área do Paraná do Ramos, vindo depois pra cá pra nossa comunidade do Trindade. A gente foi olhar e levei a Dona Maria Amélia e o Douglas. Então, nós não temos saída. Outra verdade, mesmo, são os pastores pentecostais que têm uma comunidade e proíbem a gente pescar, e os fazendeiros também nos proíbem. E assim, os pentecostais, todos eles sabem que somos daqui, e às vezes até colaboram. Eles devem imaginar em essa terra pertence a nós: o Chapeleiro, tudo pertence a nós. Eu que nasci no Chapeleiro, fiquei meio espantado, o campo que derrubaram é de 900 hectares. Sendo que é uma área que vai da Cabeceira do Venâncio até mais lá na frente. Tem um detalhe, os fazendeiros vendem madeira, têm malhadeira e pegam o peixe. Põe pra acabar com o rio: o peixe o que não comem, não vendem; dão pra cachorro, porco, enfim. E madeira eles tiram de barçaça mesmo. Mas é muita barçaça de madeira e muita malhadeira mesmo." LUIZ CARLOS RODRIGUES DE CASTRO, 46 ANOS – COMUNIDADE DE TRINDADE

"Eu sou Esmeraldina, esposa dele (de Luiz Carlos), quero dizer que lá na Cabeceira do Chapeleiro quem manda mesmo é o Pastor. Ele leva madeira para Parintins, Barreirinha... Eles vendem terrenos. São da Igreja Pentecostal. Eu enfrentei eles! Esse homem chegou lá com dois caras, espingardas. E ele falou: 'Vim aqui pra te dizer pra não cortar nem um pedaço de pau.' Então, quem manda lá é pastor! (...) Ele disse: 'Olha! Esses pretos estão acabando com a terra de vocês(referindo-se aos caras que estavam com ele).' Naquele momento fui ameaçada! E ele insistia dizendo: 'Quem manda é o Pastor.' Aliás, esse Jander Carneiro, ele ameaçou meu marido, o Luiz Carlos. Quando ele disse que meu marido ia preso, eu disse: 'Eu vou com contigo.' E esse Jander dizia: 'Esse negócio de quilombola é pra destruir a nossa vida. Temos que ficar do lado dos fazendeiros, porque, o que que esses morenos vão dar pra gente?'" ESMERALDINA DE CASTRO, ESPOSA DE LUIZ CARLOS – COMUNIDADE DE TRINDADE

"Conforme o pessoal que já deu a entrevista deles, eu também acompanhava meus pais pelo mato tirando cipó. Começamos a vida tirando ambé, tirando arumã pra fazer peneira. Meu pai tecia muito esse negócio de peneira, tipiti, vasoura e com isso ele comprava o alimento pra nós naquele tempo. Minha mãe trabalhava no negócio de vasilhas de barro também: fazia pote, torrador, fazia até aqueles pratinhos pra gente comer, porque naquele tempo ninguém comia nesses pratos. Olha, já sei até fazer o boi-quati. É uma animação que eu faço. Então, o boi-quati nasceu assim da necessidade de ter que apresentar alguma coisa lá no Açu (...) Quando o pessoal se acostumou me convidaram e eu trouxe o boi-quati, em 2009, pra se apresentar aqui na Vila do Matupiri, no festival dos quilombolas. Fomos apresentar até em Manaus. Então, virou uma tradição muito animada mesmo. Outra brincadeira é a "onça-te-pegar", tem a "valsa", tem o "London". São danças importantes. O gambá é uma das mais importantes: tem aqui na Freguesia,



Luiz Carlos Rodrigues de Castro e sua esposa Esmeraldina



Luiz Maria Dias da Conceição



Danças típicas do Festival dos quilombolas

imenso pedaço de terra que a gente chama de Queiroz, que é o dono dessas terras, o que comprou essa terra. Aí começou o nosso conflito muito grande com os fazendeiros. Agora, quero falar sobre a agricultura, somos pessoas sofridas pela agricultura. Até dez anos atrás, Matupiri já foi dono de muita coisa de valor: tivemos cana, maracujá, granja, roça com abundância, arroz, feijão; tudo nós tínhamos. Em meado ano de 2002 proibiram derruba de roçado. Denunciei pra pessoa responsável pelo meio ambiente. Essa madrugada, agora, passou um barco cheio de madeira, do terreno do seu Jander. Perguntei de todo mundo, ninguém teve coragem de fazer nada. Quero dizer que sou corajosa, que herdei a valentia de Benedito Rodrigues da Costa, meu bisavô, que hoje nos faz ser descendente de quilombo. Veio sozinho enfrentando as dificuldades com os portugueses. É por ele que hoje está essa bela semente aqui; contando essa história de quilombo. Porque queria que a gente tivesse a história dele. Nosso bisavô era angolano, ele veio de Angola, da África. Se hoje eu conto essa história é porque eu aprendi com Ludia Rodrigues da Costa. Outra coisa, o Luiz também falou pra gente sobre o problema do Chapeleiro. É verdade! Mas o pastor que se diz dono (...) ele não pode ser filiado como quilombola, não tem nada haver com quilombo. Então, vão ficar na nossa área? De jeito nenhum! Nós vamos ser os donos do nosso território. Então, nós vamos ficar porque somos quilombola. Vamos ter o nosso direito sobre o nosso território. Só pra ter ideia aqui, o nosso território começa numa cabeceira que as pessoas entram e sai. Eu estou triste, pensando, assim: No verão existiu cerca elétrica no rio, impedindo as crianças de passar pra ir à escola. Eu vi isso! Fui lá, reclamei, denunciei! Quando chegamos lá eles já tinham tirado. Mas eu vi! Eu conheço essa mata; eu vi! (pausa) Mas, eu acredito que tudo que vai ser feito aí nesses mapas que fizemos. É agora que nós vamos ser reconhecidos. Aí, as pessoas vão saber aonde é que a gente mora; o que fazemos. Tudo vai ser bem encaminhado. Estávamos esquecidos; agora, não! Todos vão saber qual é a cabeceira que a gente tira o nosso sustento. Daqui pra frente, a gente vai, sim, conseguir: vai ser feito aquilo que queremos; aquilo que nós esperamos. Vou sempre agradecer a Deus, a vocês e desejar a todos um bom dia! (aplausos)” MARIA AMÉLIA DOS SANTOS CASTRO, 53 ANOS – COMUNIDADE DE MATUPIRI



Maria Amélia

GRUPO

“Esse aqui é o croqui que foi confeccionado por Franciedson Andrade, Francimarlei, e eu Tacira Raquel, então, só ressaltando que nosso croqui foi traçado de acordo com nosso conhecimento de infância. Não tem tantos detalhes porque nós não tínhamos tanto conhecimento, então a gente traçou de acordo com o que agente conhecia da comunidade na nossa memória. Só ressaltando, aqui, as cores do rio podem distinguir tanto os rios da Cabeceira quanto os da Campina: o rio do Matupiri, da Cabeceira, tá mais azul, o azul é forte. Essa área da Campina tem a cor da água que já é diferente, pois, são águas bem cristalinas, azul claro! Então, o Matupiri tá aqui

São Pedro, Ariaú, Ponta Alegre, tudo por aí tem gambá. É uma grande diversão. Quem organizava era a família Marinho, da Boca do Chapeleiro.” LUIZ MARIA DIAS CONCEIÇÃO, 59 ANOS – COMUNIDADE DE SÃO PAULO DO AÇU

“Então, falando sobre a venda da nossa comunidade. Quando eu era menina, a primeira venda que me lembro, foi a terra vendida para o Dacinho Vilas Boas, quando chegaram com um papel na casa de meu pai pra ele assinar. Só que ninguém sabia se era pra eles comprarem o Matupiri inteiro. Aí essa ilha se transformou nesse

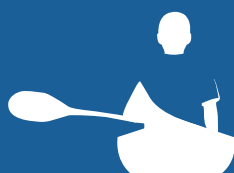
só pra ilustrar. Aqui segue a Campina de acordo como eu lembrava; como era na minha infância. Em seguida, tem vários vizinhos aqui nesta área: o tio Antonio, que passa pelo terreno da Solange, daí vem o da Maria das Graças, o da Dona Sabá, o da Dona Eduarda, seguindo pelo da tia Luiza, o da Regina, Tarcísio, Maria Hilda. Do outro lado da Campina, nós destacamos aqui, a área do Mirizal, que é uma área de preservação, digamos da comunidade! Mas eu penso, assim, é preciso lutar pela preservação dessa área que é muito bonita! É uma área muito bonita, e aqui segue o que estou destacando como área de pasto e de mata. O pasto é mais clarinho, por se tratar de uma área aberta. Aqui já temos um quilombola, seu Roberto, mais conhecido como Pombo e, aqui logo em seguida é o meu sítio; ainda é floresta, tá? Aqui segue a do seu Manuel que fica nessa área aqui atrás. Então, essas áreas verdes aqui ainda não foram devastadas. Tem madeiras importantes que estão, eu penso assim, nessas áreas de cabeceiras ainda preservadas. Só pra ressaltar, aqui, essa cabeceira, é da família Castro. Em contrapartida, as áreas que ficam na Cabeceira Grande e a Cabeceira do Veríssimo, são outras grandes regiões já tomadas pelos fazendeiros. Então, vemos uma diferença: aqui a gente ainda tem preservação, tanto de matas como de pasto. Ali, pro lado daquelas duas Cabeceiras, já são tomadas por fazendeiros. E, outro lado (...) que antes era um castanhal e hoje é tudo pasto. E, aqui, segue a praia e continua o Queiroz. Esta já é uma área de lazer que agente toma conta na comunidade, e aqui é a fazenda do seu Mendes. Então, observem: toda essa área aqui, toda essa região aqui é a fazenda (...) E, aqui, são algumas variedades de peixe que nós temos na nossa região. Que tinha, na verdade! A gente tinha o peixe-boi, tinha bastante quelônio, pirarucu, boto, piranha, pacu, tambaqui, jacaré. Só ressaltando, aqui desenhamos um veado, pois, no tempo da minha infância a gente tinha muita facilidade de comer vários tipos de animal de caça aqui. Agora é muito difícil, matar ou caçar é uma grande surpresa. Ah! Eu ia me esquecendo, aqui tem uma área de preservação para soltura de quelônios que é destinada ao Projeto “Pé de Pincha”. É um local que a gente quer transformar em área de lazer para os comunitários. Esse local se chama “Ponta das Corujas”, bem bonito; é uma ponta de praia, muito bonita!” GRUPO: FRANCIEDSON ANDRADE, FRANCIMARLEI E TACIARA RAQUEL



Elaboração de mapas a partir dos conhecimentos das comunidades de Barreirinha

CONTATOS

FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES QUILOMBOLAS DO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA – FOQMB
Comunidade Santa Tereza do Matupiri,
margem direita do Rio Andirá
Barreirinha – AM

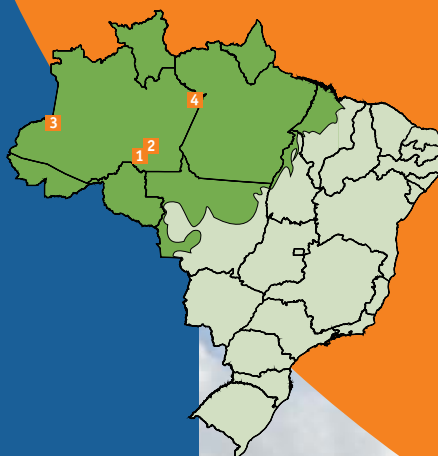


PROJETO

Mapeamento Social

QUILOMBOLAS DO RIO ANDIRÁ:
SANTA TEREZA DO MATUPIRI,
SÃO PEDRO, TRINDADE,
BOA FÉ E ITUQUARA

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

REALIZAÇÃO

APOIO



FEDERAÇÃO DAS
ORGANIZAÇÕES
QUILOMBOLAS
DO MUNICÍPIO
DE BARREIRINHA

